

JACK HIGGINS

A ÁGUA ATERROU

Tradução de
Paulo Mendes

alma
dos
livros

«Agora o campo de batalha é um território de cadáveres em pé;
aqueles determinados a morrer viverão;
aqueles que esperam escapar com vida terão morte certa.»

WU CH'I

Alguém cavava uma sepultura num canto do cemitério quando entrei pelo portão. Recordo-me nitidamente, pois pareceu estabelecer o tom para quase tudo o que se seguiria.

Cinco ou seis gralhas-calvas, como amontoados de farrapos negros, levantaram voo das faias no extremo ocidental da igreja. Gritavam furiosamente entre si, enquanto percorria o meu caminho sinuoso entre as campas e me aproximava do túmulo, ao mesmo tempo que erguia o colarinho da gabardina contra a chuva intensa.

Fosse quem fosse que estivesse lá em baixo, falava sozinho, murmurando. Era impossível perceber o que dizia. Aproximei-me de um dos lados do monte de terra fresca, esquivei-me de mais uma pazada e espreitei para a cova.

— Está uma manhã tramada para isso.

Ele ergueu o olhar e poisou a pá, um velho muito velho com uma boina de fazenda, um fato puído e sujo de lama, uma saca de serapilheira aos ombros. Tinha as faces encovadas, cobertas de uma barba rala grisalha, e uns olhos húmidos e muito distantes.

Tentei mais uma vez.

— A chuva — exclamei.

Percebeu finalmente alguma coisa. Olhou para cima, para o céu lúgubre, e coçou o queixo.

— Ainda há de piorar antes de melhorar, digo eu.

— Deve dificultar-lhe a vida — declarei. Havia no mínimo quinze centímetros de água acumulada no fundo da cova.

O velho espetou a pá na extremidade mais afastada da sepultura e abriu uma grande fissura. Como algo podre que se rompia, a terra tombou numa enxurrada.

— Podia ser pior. Já meteram tanta gente neste cemiteriozito ao longo dos anos, que as pessoas já não estão plantadas na terra. Estão enterradas em restos humanos.

Riu-se, revelando gengivas sem dentes. Depois, debruçou-se, escavou com as mãos na terra a seus pés e exibiu as falanges de um dedo.

— Está a ver o que eu digo?

Não há dúvida de que, até para um escritor profissional, os encantos da vida em toda a sua variedade infinita, por vezes, têm os seus limites, e decidi que era altura de seguir caminho.

— Não estou enganado? Esta igreja é católica?

— Aqui é tudo romano — retorquiu. — Sempre foi.

— Então talvez me possa ajudar. Procuro uma campa ou talvez até um monumento dentro da igreja. Gascoigne, Charles Gascoigne. Um capitão marítimo.

— Nunca ouvi falar dele — respondeu. — E já aqui sou sacristão há quarenta e um anos. Quando é que foi enterrado?

— Por volta de 1685.

A expressão do velho não se alterou. Disse calmamente:

— Ah, então foi antes do meu tempo, está a ver? O padre Vereker, ele é capaz de saber alguma coisa.

— Ele está lá dentro?

— Lá ou no presbitério. Do outro lado das árvores, atrás do muro.

Nesse instante, por um motivo qualquer, o bando de aves nas faias, acima das nossas cabeças, ganhou vida, e dezenas de gralhas-calvas voaram em círculos à chuva, enchendo o ar com o seu clamor. O velho ergueu o olhar e atirou os ossos do dedo aos ramos. Foi então que disse algo muito estranho.

— Sacanas barulhentos! — gritou. — Voltem para Leninegrado.

Estava prestes a virar costas, mas detive-me, intrigado.

— Leninegrado? — exclamei. — Porque diz isso?

— É de lá que vêm. E os estorninhos também. Foram anilhados em Leninegrado e aparecem aqui em outubro. Lá é frio de mais para eles no inverno.

— Ai sim? — perguntei.

O homem tornara-se muito animado e tirou meio cigarro de trás da orelha, que enfiou na boca.

— Lá faz um frio no inverno capaz de gelar os tomates duma pessoa. Muitos alemães morreram em Leninegrado durante a guerra. Não levaram nenhum tiro nem nada. Morreram congelados.

Eu já estava totalmente fascinado. Perguntei-lhe:

— Quem foi que lhe contou isso tudo?

— Sobre os pássaros? — perguntou, e de repente mudou completamente, o rosto ganhou uma expressão de matreirice. — Ora, foi o Werner quem me contou. Ele sabia tudo sobre pássaros.

— E quem era o Werner?

— O Werner? — piscou os olhos várias vezes, o rosto adquiriu novamente o ar distante, apesar de ser impossível perceber se era genuíno ou simulado. — Era bom rapaz, o Werner. Bom rapaz. Não lhe deviam ter feito aquilo.

Inclinou-se sobre a pá e começou a cavar outra vez, ignorando-me completamente. Fiquei ali mais um instante, mas era evidente que ele nada mais tinha a dizer. Assim, relutantemente, porque sem dúvida parecia uma boa história, dei meia-volta e avancei por entre os túmulos até à entrada principal.

Detive-me no vestíbulo. Havia um quadro informativo na parede feito de um tipo de madeira escura, com letras a tinta dourada esbatida. *Igreja de Santa Maria e Todos os Santos, Studley Constable*, dizia no topo, e, em baixo, estavam as horas das missas e das confissões. Ao fundo dizia: *Padre Philip Vereker. S. J.*

A porta era de carvalho, muito antiga, sustentada por faixas de ferro e repleta de cavilhas. O puxador era uma cabeça de leão de bronze com um grande elo na boca que tinha de ser rodado num sentido para abrir a porta. Foi o que acabei por fazer, com um chiar ligeiro, macabro.

Esperava encontrar uma escuridão soturna no interior, porém, deparei com uma autêntica catedral medieval em miniatura, inundada de luz e surpreendentemente ampla. As arcadas da nave eram pilares normandos majestosos, enormes, que se prolongavam até um telhado de madeira, esculpido opulentamente com uma variedade de figuras, humanas e animais, que se encontravam de facto em muito bom estado. Duas fileiras de janelas clerestóricas redondas, uma em cada um dos lados ao nível do teto, eram responsáveis por muita da luz que tanto me surpreendera.

Havia uma linda pia batismal e, na parede ao lado, um painel pintado listava todos os padres que ali haviam servido ao longo dos anos, começando por um Rafe de Courcey, em 1132, e terminando com Vereker novamente, que assumira o cargo em 1943.

Atrás, havia uma pequena capela escura, com velas a reluzir em frente a uma imagem da Virgem Maria que ali parecia flutuar a meia-luz. Segui caminho e percorri o corredor central entre os bancos. Estava tudo muito tranquilo, só havia a luz de tom rubi da lamparina do santuário, um Cristo do século xv na Sua cruz junto ao altar e a chuva a fustigar as janelas altas.

Ouviu-se o raspar de um pé na pedra atrás de mim e uma voz seca, firme, perguntou:

— Posso ajudá-lo?

Voltei-me e deparei com um padre em pé na entrada da capela de Nossa Senhora, um homem alto e seco numa batina negra desbotada. Tinha o cabelo grisalho-escuro cortado rente e os olhos encovados, como se tivesse estado doente recentemente, uma impressão para que contribuía a tensão da pele que lhe cobria as maçãs do rosto. Era uma cara estranha. Soldado ou sábio, este homem podia ser qualquer um dos dois, mas isso não me surpreendeu, uma vez que o quadro informativo me recordava de que se tratava de um jesuíta. Contudo, tive a forte suspeita de que se tratava também de um rosto que contara com a companhia constante do sofrimento. Quando avançou, vi que se apoiava fortemente numa bengala de abrunheiro e coxeava da perna esquerda.

— Senhor padre Vereker?

— Sim...

— Estive a falar com o velhote lá fora, o sacristão.

— Ah, sim, o Laker Armsby.

— Se é esse o nome dele... Pensei que talvez me pudesse ajudar.

— Estiquei a mão. — A propósito, chamo-me Higgins. Jack Higgins. Sou escritor.

O padre hesitou ligeiramente antes de me apertar a mão, mas só porque teve de trocar a bengala da mão direita para a esquerda. Ainda assim, havia uma clara reticência, pelo menos era o que me parecia.

— E em que o posso ajudar, Sr. Higgins?

— Estou a escrever um conjunto de artigos para uma revista americana — expliquei. — Coisas históricas. Estive ontem na Igreja de Santa Margarida em Cley.

— Uma bela igreja. — Sentou-se no banco mais próximo. — Desculpe-me, hoje em dia, canso-me muito facilmente.

— Há uma arca tumular ali no cemitério — prossegui. — Talvez a conheça: — A James Greeve...

O padre interrompeu-me de súbito.

— ... que auxiliou *Sir Cloudesley Shovel* a incendiar os navios no porto de Trípoli na «Berbéria, em catorze de janeiro de mil seiscentos e setenta e seis». — Mostrou-me que era capaz de sorrir. — Mas essa é uma inscrição famosa nesta zona.

— Segundo a minha investigação, quando Greeve era capitão do *Orange Tree*, tinha um oficial chamado Charles Gascoigne que se viria a tornar capitão na Marinha. Morreu de uma ferida antiga em 1683 e, aparentemente, Greeve providenciou que fosse levado para Cley, onde foi sepultado.

— Estou a ver — disse educadamente, mas sem se mostrar muito interessado. Na verdade, havia quase um toque de impaciência na sua voz.

— Não há vestígios dele no cemitério de Cley — comentei — nem nos registos da paróquia, e procurei nas igrejas de Wiveton, Glanford e Blakeney, sem sucesso.

— E acha que pode estar aqui?

— Estava a rever as minhas notas e lembrei-me de que ele tinha sido educado católico na infância, e ocorreu-me que podia ter sido sepultado nesta religião. Estou hospedado no Hotel Blakeney e falei com um dos empregados do bar que me disse que há uma igreja católica aqui em Studley Constable. Sem dúvida que é um lugarzinho recolhido. Demorei mais de uma hora a encontrá-lo.

— Tudo em vão, receio. — Ergueu-se a custo. — Já estou aqui nesta igreja há vinte e oito anos e posso garantir-lhe que nunca deparei com nenhuma menção a esse Charles Gascoigne e, além disso, na época em questão, a Igreja de Santa Maria não era católica romana.

— Sim, estava a perguntar-me o que teria acontecido a Henrique VIII e à Reforma nesta zona.

— A Igreja de Santa Maria passou a pertencer à Igreja Anglicana, à semelhança da maioria das igrejas dessa época — comentou. — Porém, no final do século passado, o edifício foi reconsagrado à fé católica romana.

— Isso não é bastante raro? — questionei.

— Nem por isso. — O padre não tentou explicar mais e a sua impaciência era evidente.

Tinha sido a minha última oportunidade e creio que deixei transparecer a desilusão. No entanto, ainda assim, insisti:

— Tem a certeza a respeito de Gascoigne? E os registos da igreja relativos a essa época? Pode haver uma entrada no registo dos enterros.

— Por acaso, a história local desta zona é um dos meus interesses pessoais — declarou com alguma acidez. — Não há documento relacionado com esta igreja com o qual eu não esteja familiarizado e posso garantir-lhe que não há em lado nenhum menção a um Charles Gascoigne. Agora, se me permite, o meu almoço deve estar pronto.

Quando avançou, a bengala fugiu-lhe das mãos e o padre cambaleou e quase caiu. Agarrei-o pelo cotovelo e pisei-lhe o pé esquerdo sem querer. Nem sequer teve um estremecimento.

— Desculpe-me, fui muito desastrado — disse-lhe.

Ele sorriu pela segunda vez.

— Não há nada para doer, na verdade. — Bateu no pé com a bengala de abrunheiro. — É uma grande maçada, mas, como se costuma dizer, aprendi a viver com isto.

Era o tipo de afirmação que não suscitava comentários, e o padre claramente não queria mais conversa. Descemos o corredor da nave juntos, devagar, por causa do pé dele, e comentei:

— É uma igreja extremamente bonita.

— Sim, temos muito orgulho dela. — Abriu a porta para eu passar. — Lamento não lhe poder servir de grande ajuda.

— Não faz mal — repliquei. — Já que aqui estou, importa-se que dê uma olhadela ao cemitério?

— Já vi que é um homem difícil de convencer. — Mas não havia malícia no seu tom. — Porque não? Temos algumas lápides muito interessantes. Recomendo particularmente a secção no extremo oriental. É de inícios do século XVIII e foi claramente feita pelo

mesmo pedreiro local que fez trabalhos semelhantes em Cley.

Desta vez, foi ele quem me estendeu a mão. Quando a apertei, disse-me:

— Sabe, bem me parecia que o seu nome me parecia familiar. Não escreveu um livro sobre o conflito no Ulster no ano passado?

— Isso mesmo — assenti. — Foi uma questão muito feia.

— A guerra é sempre assim, Sr. Higgins. — Tinha o rosto sombrio. — É o homem no seu lado mais cruel. Adeus.

Fechou a porta e avancei para o vestíbulo. Que encontro estranho. Acendi um cigarro e saí para a chuva. O sacristão já se tinha ido embora e, por enquanto, tinha o cemitério só para mim, excetuando as gralhas-calvas, é claro. *As gralhas de Leninegrado*. Voltei a pensar nesse dado intrigante e, em seguida, afastei categoricamente a ideia da cabeça. Havia trabalho a fazer. Não que tivesse grandes esperanças de encontrar o túmulo de Charles Gascoigne, depois de falar com o padre Vereker, mas a verdade é que já não tinha mais por onde procurar.

Percorri o local metodicamente, começando pela extremidade ocidental. No caminho, fui reparando nas lápides que o padre mencionara. Eram sem dúvida intrigantes, esculpidas e gravadas com ornamentações vívidas e bastante toscas de ossos, caveiras, ampuhetas aladas e arcanjos. Eram interessantes, no entanto, a época era totalmente errada para Gascoigne.

Demorei uma hora e vinte minutos a percorrer toda a área e, ao fim desse tempo, sabia que não valia a pena procurar mais. Em primeiro lugar, ao contrário da maioria dos cemitérios de igrejas rurais, hoje em dia, este estava muito bem mantido. A relva estava cortada, os arbustos aparados, havia muito pouca vegetação descontrolada, zonas parcialmente ocultas ou algo do género.

Logo, não havia ali nenhum Charles Gascoigne. Estava junto à sepultura recém-escavada quando finalmente admiti a derrota. O velho sacristão cobrira-a com uma lona para a proteger da chuva e uma das extremidades tombara para o interior. Agachei-me para a recolocar na sua posição e, quando me levantava, reparei em algo estranho.

A um metro ou dois, junto à parede da igreja, na base da torre, havia uma lápide plana inserida num montículo de erva verdejante. Era de inícios do século XVIII, um exemplar do trabalho do pedreiro

local que já mencionei. Tinha um crânio e ossos cruzados magníficos no topo e era dedicada a um comerciante de lã chamado Jeremiah Fuller, à mulher e aos filhos. Ali agachado, apercebi-me de que havia outra lápide debaixo dela.

O celta em mim vem ao de cima facilmente e fui acometido por um entusiasmo irracional repentino, como se estivesse consciente de me encontrar na iminência de algo. Ajoelhei-me junto à lápide e tentei agarrá-la, o que se revelou bastante difícil. Foi então que, todavia, muito repentinamente, se começou a mover.

— Vamos lá, Gascoigne — exclamei baixinho. — Tens de ser tu.

A lápide deslizou para um dos lados, inclinada no desnível do montículo, e tudo foi revelado. Suponho que foi um dos momentos mais surpreendentes da minha vida. Era uma pedra simples, com uma cruz germânica no topo — que a maioria das pessoas descreveria como uma cruz de ferro. A inscrição abaixo estava em alemão. Dizia: *Hier ruhen Oberstleutnant Kurt Steiner und 13 Deutsche Fallschirmjäger gefallen am 6 November 1943.*

O meu alemão é, quando muito, medíocre, sobretudo por falta de uso, mas chegava para aquela inscrição. *Aqui jaz o tenente-coronel Kurt Steiner e 13 paraquedistas alemães, mortos em combate em 6 de novembro de 1943.*

Fiquei ali acocorado à chuva, a confirmar cuidadosamente a minha tradução, mas não, não me enganara, e não fazia sentido nenhum. Para começar, eu sabia (pois havia escrito um artigo sobre o tema) que, em 1967, quando abriu o Cemitério Militar Alemão de Cannock Chase, em Staffordshire, tinham sido para lá transferidos 925 soldados alemães falecidos na Grã-Bretanha durante a Primeira e a Segunda Guerra Mundial.

Mortos em Combate, rezava a inscrição. Não, era totalmente absurdo. Um embuste rebuscado que alguém congeminara. Tinha de ser.

Fui impedido de pensar mais no assunto por um grito repentino de indignação.

— Que diabo pensa que está a fazer?

O padre Vereker estava a cambalear na minha direção por entre as campas, a agitar um grande chapéu de chuva acima da cabeça.

Declarei alegremente:

— Acho que vai achar isto interessante, padre. Fiz uma descoberta bastante surpreendente.

Quando se aproximou, apercebi-me de que algo não estava bem. De facto, algo estava muito mal, uma vez que o seu rosto se encontrava lívido de emoção e tremia de raiva.

— Como é que se atreve a mexer nessa lápide? É um sacrilégio, não há outra palavra para o descrever.

— Está bem — concedi. — Desculpe-me, mas olhe o que encontrei lá em baixo.

— Não quero saber o que lá encontrou. Ponha-a já onde estava. Também começava a ficar irritado.

— Não seja tolo. Não percebe o que diz aqui? Se não sabe alemão, deixe que lhe diga: «Aqui jaz o tenente-coronel Kurt Steiner e 13 paraquedistas alemães, mortos em combate em 6 de novembro de 1943.» Não acha fascinante, não?

— Nem por isso.

— Quer dizer que já tinha visto?

— Não, é claro que não — havia algo de pânico no padre agora, um toque de desespero na voz quando acrescentou: — Agora não se importa de pôr a lápide original no seu sítio?

Não acreditei nele, nem por sombras. Questionei:

— Quem era ele, este Steiner? Que se passou afinal?

— Já lhe disse. Não faço a mínima ideia — exclamou, com um ar ainda mais assustado.

Foi então que me lembrei de algo.

— Estava aqui em 1943, não estava? Foi quando tomou conta da paróquia. É o que diz no quadro no interior da igreja.

O padre explodiu, perdeu totalmente o controlo.

— Pela última vez, faz o favor de pôr essa lápide onde a encontrou?

— Não — retorqui. — Lamento, mas não o posso fazer.

Por estranho que pareça, o homem pareceu recuperar algum tipo de autocontrolo nessa altura.

— Muito bem — afirmou calmamente. — Então fará a gentileza de se ir embora já.

Não parecia valer a pena argumentar, tendo em conta o estado de espírito do padre, pelo que me limitei a declarar:

— Está bem, senhor padre, se é assim que quer.

Já tinha chegado ao caminho quando gritou:

— E não volte. Se voltar, não hesitarei minimamente em chamar a polícia daqui.

Saí pelo portão do cemitério, entrei no *Peugeot* e arranquei. As suas ameaças não me preocupavam. Estava demasiado entusiasmado para isso, demasiado intrigado. Tudo em Studley Constable era intrigante. Era um daqueles locais que só parecem existir no norte de Norfolk, o tipo de aldeia que se nos depara por acaso um dia e nunca mais voltamos a encontrar, o que nos leva a perguntar se alguma vez existiu afinal.

O sítio em si não tinha muito para ver. A igreja, o velho presbitério no seu jardim murado, quinze ou dezasseis casas sem um estilo uniforme espalhadas ao longo de um curso de água, o velho moinho com a sua enorme roda-d'água, a estalagem da aldeia do lado oposto da praça principal, o Studley Arms.

Estacionei na berma junto ao ribeiro, acendi um cigarro e dediquei um bom bocado a pensar tranquilamente em tudo aquilo. O padre Vereker estava a mentir. Já tinha visto aquela lápide, conhecia a sua importância, disso não duvidava eu. Não deixava de ser bastante irónico. Eu chegara a Studley Constable por acaso, à procura de Charles Gascoigne. Em vez disso, descobrira algo muito mais intrigante, um verdadeiro mistério. Ora, o mais importante era decidir: que faria eu em relação a este caso?

A solução apresentou-se-me quase instantaneamente na figura de Laker Armsby, o sacristão, que surgiu de um beco estreito entre duas casas. Ainda estava salpicado de lama, ainda tinha a velha saca de serapilheira aos ombros. Atravessou a estrada, entrou no Studley Arms, e eu saí imediatamente do *Peugeot* e segui-o.

Segundo a placa que encimava a entrada, o titular da licença comercial era um George Henry Wilde. Abri a porta e deparei com um corredor de chão de pedra e paredes revestidas de madeira. Uma porta à esquerda estava entreaberta e ouvia-se sussurrar, gargalhadas.

No interior, não havia um bar, apenas uma sala grande, confortável, com uma lareira de pedra acesa, sem nenhuma proteção, vários bancos de costas altas, algumas mesas de madeira. Estavam lá seis

ou sete clientes, e nenhum era jovem. Diria que a idade média aproximada seria os sessenta anos — um padrão desoladoramente comum nessas zonas rurais hoje em dia.

Eram homens rurais de gema, com o rosto curtido pela exposição aos elementos, boinas de fazenda, galochas. Três deles jogavam dominó, enquanto outros dois assistiam, e um velho sentado junto à lareira tocava harmónica baixinho para si mesmo. Todos ergueram o olhar para me observar com o tipo de interesse grave que os grupos muito próximos sempre demonstram pelos estranhos.

— Boa tarde — saudei.

Dois ou três esboçaram um aceno de cabeça algo caloroso, apesar de um deles, corpulento, de barba preta com laivos grisalhos, não parecer muito amistoso. Laker Armsby estava sentado sozinho numa mesa, a enrolar laboriosamente um cigarro entre os dedos, com um copo de cerveja à frente. Levou o cigarro à boca e eu avancei para o seu lado e ofereci-lhe lume.

— Olá.

O sacristão ergueu o olhar com uma expressão intrigada que desapareceu logo a seguir.

— Ah, é você outra vez. Chegou a encontrar o padre Vereker? Anuí com a cabeça.

— Quer tomar mais uma bebida?

— Não digo que não. — Esvaziou o copo num par de goles. — Uma caneca de cervejinha da escura marchava bem. Georgy!

Voltei-me e dei com um homem baixo e forte em mangas de camisa atrás de mim, presumivelmente o proprietário, George Wilde. Parecia pertencer à mesma faixa etária dos outros e tinha um ar razoavelmente aceitável, exceto uma característica invulgar. A determinado momento da vida, tinham-lhe dado um tiro à queima-roupa no rosto. Pessoalmente, tinha a certeza, porque já vira bastantes ferimentos causados por disparos. Neste caso, a bala abriu-lhe um sulco na bochecha esquerda, levando também algum osso. Teve muita sorte.

Sorriu agradavelmente.

— E o senhor?

Disse-lhe que tomaria um copo alto de vodca tónica, o que gerou um ar de gozo nos agricultores (ou lá o que seriam), mas isso não

me preocupou especialmente, pois é a única bebida alcoólica que consigo beber com algum prazer. Os cigarros enrolados à mão de Laker Armsby não duraram muito e dei-lhe um dos meus, que aceitou com avidez. As bebidas chegaram e passei-lhe a cerveja.

— Disse que era sacristão da Igreja de Santa Maria há quanto tempo?

— Quarenta e um anos.

Esvaziou a caneca de cerveja. Disse-lhe:

— Tome, beba mais uma e fale-me do Steiner.

A harmónica parou de tocar abruptamente e todas as conversas foram interrompidas. O velho Laker Armsby fitou-me por cima do copo, com aquela expressão matreira novamente.

— Ora, o Steiner era...

George Wilde interrompeu-o, pegou no copo vazio e passou um pano pela mesa.

— Muito bem, caro senhor, está na hora.

Olhei para o meu relógio. Eram duas e meia da tarde. Contrapus:

— Está enganado. Ainda falta meia hora para a hora do fecho.

O proprietário pegou no meu copo de vodca e entregou-mo.

— Isto é uma casa livre e, numa aldeia pacata como esta, costumamos fazer o que nos apetece sem que ninguém se incomode muito com isso. Se eu digo que vou fechar às duas e meia, então fecho às duas e meia. — Sorriu amistosamente. — Se fosse a si, acabava a sua bebida.

Havia uma tensão no ar que se podia cortar à faca. Estavam todos sentados a olhar para mim, fixamente, com os rostos inexpressivos, os olhos como pedras, e o gigante da barba negra movimentou-se para a extremidade da sua mesa e debruçou-se sobre ela, a fitar-me com hostilidade.

— Ouviu o que ele disse — alertou numa voz grave e perigosa. — Agora seja bom menino e beba e vá para casa, onde quer que isso seja.

Não discuti, pois o ambiente estava a piorar a cada minuto que passava. Bebi a minha vodca tónica, demorando algum tempo, apesar de não saber bem se era para lhes provar alguma coisa ou a mim mesmo, e fui-me embora.

Estranhamente, não estava zangado, apenas fascinado por aquela questão incrível. Agora, como é evidente, estava demasiado

envolvido para me afastar. Tinha de obter algumas respostas e ocorreu-me que havia uma forma bastante óbvia de as conseguir.

Entrei no *Peugeot*, atravessei a ponte em direção à saída da aldeia, passando pela igreja e pelo presbitério, e tomei a estrada para Blakeney. Algumas centenas de metros depois da igreja, entrei com o *Peugeot* numa estrada de terra batida, deixei-o lá e voltei para trás a pé, levando comigo uma pequena máquina fotográfica *Pentax* que tinha no porta-luvas do carro.

Não estava com medo. Afinal, numa célebre ocasião, tinha sido escoltado do Hotel Europa, em Belfast, ao aeroporto por homens com armas nos bolsos que me haviam sugerido que, se prezava a minha saúde, apanhasse o voo seguinte e não voltasse. No entanto, voltei, e em várias ocasiões. Até escrevi um livro sobre isso.

Quando voltei ao cemitério, encontrei a lápide de Steiner e dos seus homens no local exato onde a deixara. Verifiquei novamente a inscrição, só para garantir que não estava a fazer nenhuma tolice, e tirei algumas fotografias de vários ângulos. Em seguida, dirigi-me apressado à igreja e entrei.

Havia uma cortina a tapar a base da torre, e passei para trás dela. Havia vestes roxas e sobrepelizes brancas dos meninos do coro penduradas ordenadamente num varão, uma arca antiga com ferragens, várias cordas de sino pendentes, vindas da escuridão acima, e um quadro na parede informava o mundo de que, em 22 de julho de 1936, havia sido tocada uma sucessão de 5058 toques de sino com diferentes variações naquela igreja. Notei com interesse que Laker Armsby surgia listado como um dos seis tocadores de sinos envolvidos.

Mais interessante ainda era uma fileira de buracos que atravessavam o quadro e que, a determinada altura, haviam sido preenchidos com massa e tingidos. Continuavam pela alvenaria e eram tal qual como orifícios de uma rajada de metralhadora, mas isso já era demasiado rebuscado.

O que eu procurava era o registo de enterros e não havia sinais de nenhum tipo de livro ou documento por ali. Saí pela cortina e reparei quase instantaneamente numa pequena porta na parede atrás da pia batismal. Abri-a com facilidade quando experimentei o puxador e entrei. Dei por mim num local que era obviamente a sacristia, uma pequena divisão revestida de painéis de carvalho.

Havia um cabide com algumas batinas, sobrepelizes e capas de asperges, um armário de carvalho e uma grande secretária de estilo antigo.

Experimentei o armário e saiu-me logo a sorte grande: estavam lá todos os tipos de registos possíveis, empilhadinhos numa das prateleiras. Havia três livros de registo de enterros, e 1943 estava no segundo. Folheei-o rapidamente, logo ciente de um enorme sentimento de desilusão.

Estavam registadas duas mortes em novembro de 1943 e ambas eram de mulheres. Recuei apressadamente até ao início do ano, o que não demorou muito, fechei o registo e voltei a arrumá-lo no armário. Ora, uma opção muito óbvia estava descartada. Se Steiner, quem quer que fosse, tivesse sido enterrado ali, deveria ter entrado no registo. Esse ponto era incontornável no direito inglês. Então, que diabo significaria tudo aquilo?

Abri a porta da sacristia, entrei e fechei-a. Estavam lá dois dos homens do *pub*: George Wilde e o homem da barba negra que, como notei com inquietação, trazia uma caçadeira de cano duplo.

Wilde declarou brandamente:

— Eu bem o aconselhei a ir-se embora, não pode negar. Ora, porque é que não foi sensato?

O homem da barba negra exclamou:

— Está à espera de quê, pá? Vamos acabar já com isto.

Avançou com uma velocidade surpreendente para alguém tão volumoso e agarrou-me pelos colarinhos da gabardina. Nesse instante, a porta da sacristia abriu-se atrás de mim e Vereker entrou. Sabe Deus de onde vinha, mas fiquei claramente feliz por o ver.

— Que raio é que se passa aqui? — exigiu saber.

O homem da barba negra retorquiu:

— Deixe connosco, padre, nós tratamos disto.

— Não vai tratar de nada, Arthur Seymour — asseverou Vereker.

— Agora afaste-se.

Seymour fitou-o impassível, ainda agarrado a mim. Podia ter dado conta dele de várias formas, mas não me pareceu que valesse muito a pena.

Vereker repetiu:

— Seymour! — E, desta feita, o seu tom era de facto férreo.

Seymour abriu lentamente as mãos e Vereker acrescentou:

— Não volte aqui, Sr. Higgins. Já deve ter percebido que não seria o melhor para si.

— Tem razão.

Não esperava grande rebuliço, não depois da intervenção de Vereker, mas também não me parecia sensato ficar por ali, pelo que me dirigi apressadamente para o carro em passo de corrida. As considerações subseqüentes sobre toda aquela questão misteriosa podiam esperar.

Entrei no caminho de terra batida e dei com Laker Armsby sentado no capô do *Peugeot* a enrolar um cigarro. Quando me aproximei, levantou-se.

— Ah, já aí vem? — exclamou. — Então safou-se?

Lá estava aquele ar de matreirice no seu rosto novamente. Saquei dos meus cigarros e ofereci-lhe um.

— Sabe uma coisa? — comentei. — Não creio que o senhor seja nem de longe tão ingênuo como parece.

Ele sorriu maliciosamente e soprou uma nuvem de fumo contra a chuva.

— Quanto?

Percebi imediatamente o que queria dizer. Ainda assim, por enquanto, decidi fazer-me de desentendido.

— Como assim, «quanto»?

— Quanto vale para si. Saber mais sobre o Steiner.

O sacristão recostou-se contra o carro a olhar para mim, expectante, pelo que peguei na minha carteira, tirei de lá uma nota de cinco libras e ergui-a entre os dedos. Os olhos dele reluziram e fez menção de a agarrar. Recolhi a mão.

— Não, não. Quero algumas respostas primeiro.

— Está certo. Que é que quer saber?

— Esse Kurt Steiner, quem era?

O homem sorriu novamente com os olhos furtivos e aquele sorriso matreiro e ardiloso.

— Isso é fácil de responder — comentou. — Era o tipo alemão que veio cá com os seus homens para assassinar o Sr. Churchill.

Fiquei tão espantado, que me limitei a ficar ali especado a olhar para ele. O sacristão sacou-me da nota de cinco libras da mão, deu meia-volta e arrancou num passo acelerado e desajeitado.

Algumas coisas na vida têm um impacto tão intenso, que são quase impossíveis de assimilar, como quando uma voz estranha do outro lado do telefone nos diz que um ente querido acaba de falecer. As palavras perdem o sentido, a mente desliga-se da realidade por um breve instante, um espaço necessário para respirarmos até estarmos preparados para lidar com a situação.

Foi aproximadamente nesse estado que me encontrei após a revelação pasmosa de Laker Armsby. Não era apenas o facto de ser tão incrível. Uma lição que já tinha aprendido na vida era que, se considerarmos algo impossível, provavelmente ocorrerá na semana seguinte. Na verdade, as implicações (se Armsby falara a verdade) eram tamanhas, que, por um instante, a minha mente não teve capacidade de assimilar a ideia.

Estava ali. Eu estava ciente da sua existência, mas não pensava conscientemente nela. Voltei para o Hotel Blakeney, fiz as malas, paguei a conta e segui para casa, a primeira paragem numa viagem que, apesar de não ter noção na altura, consumiria um ano da minha vida. Um ano de centenas de ficheiros, dezenas de entrevistas, viagens por meio mundo. São Francisco, Singapura, Argentina, Hamburgo, Berlim, Varsóvia e até (o local mais irónico de todos) Falls Road em Belfast. Parecia haver pistas por todo o lado, ainda que ténues, que me conduziriam à verdade e, sobretudo, porque de alguma forma é central para toda esta questão, a algum conhecimento, a algum entendimento do enigma que era Kurt Steiner.